

## A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA O APRIMORAMENTO DA ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL I

### THE IMPORTANCE OF READING FOR IMPROVING WRITING IN ELEMENTARY SCHOOL

### LA IMPORTANCIA DE LA LECTURA PARA MEJORAR LA ESCRITURA EN LA ESCUELA PRIMARIA

Margarete Pereira dos Santos<sup>1</sup>  
Alexandra Moreno Pinho<sup>2</sup>

**RESUMO:** A criança necessita ser estimulada desde os primeiros meses de vida. Ao escutar uma história, o bebê, mais tarde, tornar tal hábito em uma ação espontânea na sua vida. Assim, as histórias ouvidas, contadas e recontadas formarão o embasamento para o processo de aprendizagem da escrita. Um repertório enriquecido pela leitura torna-se terreno fértil para a assimilação da escrita, a qual é proveniente de um desenvolvimento cognitivo que engloba símbolos e significados, sendo o alicerce para a construção do processo de ensino e aprendizagem. O professor, em sala de aula, necessita criar as oportunidades para promover a efetivar o ensino, incentivando no alunado sua potencialidade. O objetivo do presente artigo é analisar a importância da leitura para o aprimoramento da escrita no Ensino Fundamental I. Nesta pesquisa bibliográfica foi possível destacar situações que causam tais dificuldades, com isso identificou-se que a falta de hábito de leitura, desde a mais tenra idade, reflete a falta de condições socioeconômicas dos pais em conjunto com o alto índice de analfabetismo dos mesmos.

1566

**Palavras-chave:** Escrita. Educação. Leitura. Ensino Fundamental I.

**ABSTRACT:** Children need to be stimulated from the first months of life. When listening to a story, the baby will later turn this habit into a spontaneous action in his life. Thus, the stories heard, told and retold will form the basis for the process of learning to write. A repertoire enriched by reading becomes fertile ground for the assimilation of writing, which comes from cognitive development that encompasses symbols and meanings, being the foundation for building the teaching and learning process. The teacher, in the classroom, needs to create opportunities to promote effective teaching, encouraging students potential. The objective of this article is to analyze the importance of reading for improving writing in Elementary School I. In this bibliographical research it was possible to highlight situations that cause such difficulties, thus identifying that the lack of reading habit, from an early age, reflects the lack of socioeconomic conditions of the parents together with their high illiteracy rate.

**Keywords:** Writing. Education. Reading. Elementary Education I.

<sup>1</sup> Professora da prefeitura de Monte Santo/Ba. Graduada em Letras (Autarquia Belemita de Cultura. Desportos e Educação/ABCDE) e em Pedagogia (Faculdade do Sertão Baiano/FASB); Pós-graduação em Docência na Educação Básica e Língua portuguesa(Faculdade do Sertão Baiano/FASB). Mestrado na COLLEGE EDUCALER.

<sup>2</sup>Doutora em Educação (Universidade de Barcelona), Mestre em Terapia Corporal e Psicomotricidade (Universidade de Barcelona), licenciada em Pedagogia (UCSAL), professora e orientadora da COLLEGE EDUCALER.

**RESUMEN:** Los niños necesitan ser estimulados desde los primeros meses de vida. Al escuchar un cuento, el bebé convertirá posteriormente este hábito en una acción espontánea en su vida. Así, las historias escuchadas, contadas y contadas formarán la base del proceso de aprender a escribir. Un repertorio enriquecido por la lectura se convierte en terreno fértil para la asimilación de la escritura, la cual proviene de un desarrollo cognitivo que abarca símbolos y significados, siendo la base para construir el proceso de enseñanza y aprendizaje. El docente, en el aula, necesita crear oportunidades para promover una enseñanza eficaz, fomentando el potencial de los estudiantes. El objetivo de este artículo es analizar la importancia de la lectura para el mejoramiento de la escritura en la Escuela Primaria I. En esta investigación bibliográfica se logró resaltar situaciones que provocan tales dificultades, identificando así que la falta del hábito lector, desde edades tempranas, refleja la falta de condiciones socioeconómicas de los padres junto con su alto índice de analfabetismo.

**Palabras clave:** Construcción. Escritura. Educación. Lectura. Educación Primaria I.

## INTRODUÇÃO

O Brasil tem uma história recente de democracia, com menos de um século e meio sendo interrompido por duas ditaduras, com isso está ainda estruturando todo o seu sistema democrático de ensino gratuito e de qualidade.

Neste processo faz-se necessário contar com a comunidade escolar, a qual inclui professores, alunos, familiares, funcionários e gestores para contribuir ativamente neste processo estrutural dos direitos do cidadão. O hábito de leitura das crianças, condição *sine qua non* para a construção da escrita, deve ser despertado já na mais tenra infância, de modo que a pessoa em desenvolvimento tenha contato com livros, por meio de histórias ouvidas, contadas, recontadas, recriadas por familiares mais próximos.

A escola, por sua vez, necessita recorrer a equipamentos audiovisuais, estimulando na sua a prática cotidiana, no Ensino Fundamental I, uma ação espontânea, para que o aluno a incorpore como algo natural em toda sua vida.

## MÉTODOS

A metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica, na qual foram usados materiais bibliográficos voltados ao tema, cujos autores realizaram pesquisas, estudos e teorias. A pesquisa bibliográfica é o levantamento de obras publicadas que circundam o tema proposto.

É um estudo analítico que reuni textos já publicados, os quais dão suporte a ação investigativa.

Para Gil (2002, p. 44), a pesquisa bibliográfica “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Severino (2007), destaca que é um registro originado de pesquisas já realizadas a partir de livros, artigos e teses, que direcionam o pesquisador a trabalhar com base em contribuições de estudos analíticos. Para Macedo (1994, p. 13), “trata-se do primeiro passo em qualquer tipo de pesquisa científica, com o fim de revisar a literatura existente e não redundar o tema de estudo ou experimentação”.

Lakatos e Marconi (2003) explica que a pesquisa bibliográfica não é uma repetição do que já foi publicado, mas sim uma fonte de informações para novas análises entorno de uma temática vista sob uma outra perspectiva.

A pesquisa bibliográfica é fundamental para o desenvolvimento do trabalho científico, tal estudo nos permite conhecer a fundo o assunto em pauta, sendo importante o levantamento do material teórico que irão contribuir no desenvolvimento e na elaboração de um documento coerente com o que já foi publicado, capaz de apontar possíveis inovações em sua análise.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho com produção de textos objetiva desenvolver a capacidade de escrita dos alunos, os quais venham a produzir materiais coesos, desta forma necessita ser explorado em todos os componentes curriculares do Ensino Fundamental I, criando situações para que a criança escreva, manifeste sua opinião e conte fatos ocorridos no seu cotidiano.

Ferreiro e Teberosky (1986) afirmam que a aquisição da escrita se inicia quando as crianças começam a diferenciar o que traçam no papel, quando desejam desenhar e quando desejam escrever. Com esta diferenciação elas demonstram perceber a existência de duas formas independentes de registrar suas idéias ou sentimentos: o desenho e a escrita.

O professor deve oportunizar a criança a escrita de um texto, o qual foi ditado. O aluno, inserido em situações em que a linguagem oral e escrita seja realmente compartilhada, terá oportunidade de interagir com a escrita, procurando entendê-la e interpretá-la.

Os livros de literatura permeiam o processo educativo, estes necessitam estar disponíveis para o uso das crianças. Inicialmente, a leitura será feita pelo professor, mas no

decorrer do processo o aluno terá condições de sozinho, escolher os livros que mais lhe chamam a atenção. Podemos contar muitas histórias e introduzir vários tipos de textos: poéticos, informativos, narrativos, adivinhações, quadrinhas, trava-línguas, parlendas, fábulas e contos.

É preciso encorajar as crianças a escreverem, mesmo que, no início, seja feito em conjunto com o professor, pois aos poucos o aluno certamente terá autonomia para fazer seus registros.

É importante, na construção da leitura e escrita, explorar não apenas as intenções do autor e conteúdos explícitos, mas os significados possíveis do texto para cada aluno: quanto mais criativo e poético um texto, mais denso de significados e mais possibilita diferentes interpretações. Isso não significa que tudo é permitido, ou que nada é objetivo.

A literatura deve servir, sempre, para despertar a curiosidade e ir além do texto. Nesse sentido, o professor deve fugir sempre do trivial característico da maioria das interpretações de texto que se encontram incluídos em livros didáticos e livros de leitura. Entender a trama, os personagens, o contexto etc. é importante, mas é apenas o primeiro passo para compreender, desfrutar e ir além, numa leitura.

Para Napolini (1996) ler não é só compreender o que está escrito com letras, significa compreender sem palavras o que é interpretado, como contemplar a uma obra de arte.

A leitura e sua interpretação também não devem ser substituídas por saídas fáceis ou lúdicas. Representações teatrais e dramatização têm o seu lugar na vida e na escola, mas não são substitutos para o rigor da leitura e da análise literária.

A cada dia o professor deve acompanhar o progresso individual de pelo menos um aluno, através de atividades de observação, escuta, correção, estímulo e interação pessoal com o mesmo. Essa atividade deve levá-lo a avaliar os progressos do aluno em profundidade: ritmo, entonação, expressividade, compreensão. Quando possível e recomendável isso deve ser feito em público, mas nunca de forma a expor o aluno ao ridículo, em função de suas dificuldades.

Em qualquer circunstância, o professor não deve conformar-se com leitura malfeita. Eventualmente um aluno com dificuldade pode adquirir confiança lendo em coro, junto com colegas mais proficientes. Mas isso não deve eximir nem o aluno nem o professor de fazerem progressos individuais e adquirirem proficiência. Em todas as circunstâncias, o ato de leitura,

individual em público ou coletivo deve se dar em contextos os mais realistas possíveis, sempre procurando se ressaltar a função social da leitura e da escrita, e não como um ato rotineiro meramente “escolar”.

Para Ferreiro (1993, p.42), “a leitura e a escrita tem sido tradicionalmente considerados como objeto de uma instrução sistemática, como algo que deva ser ensinado e cuja aprendizagem suporia o exercício de uma série de habilidades específicas.”

É possível trabalhar a leitura através da linguagem escrita e oral. Por exemplo, através do conto, o professor pode solicitar que os alunos contem histórias da tradição oral. Em seguida, pode trazer para a sala de aula livros de contos, podem ler contos em voz alta, para que os alunos escutem e se familiarizem com sua linguagem.

A leitura de textos são favoráveis para que a criança, através da fantasia e imaginação, ultrapasse os limites impostos pelos adultos acerca de sensações. Vistos por esse ângulo, pais e professores precisam estar devidamente informados e preparados para proporcionar uma infância saudável permeada de fascínios, levando ainda ao deslumbramento próprio da criança.

A leitura nos contos de fadas e nas fábulas uma distinta singularidade que encanta e diverte. Como tem características de magia, permitindo à criança/leitor/ouvinte fantasiar, pais e professores devem estar atentos para não colocarem em risco o seu encanto, com suas ideologias de adulto, já que a criança cria dentro de si suas próprias expectativas e fantasias, de acordo com os seus desejos individuais. É necessário que quem conte histórias para crianças não faça inferências nos contos e que não dê ênfase a nenhuma. E que deixe que a criança tenha seu próprio mecanismo, seu próprio pensar sobre o enredo.

Convém relembrar que existem vários formatos possíveis de textos: bilhetes, convites, avisos, propagandas, artigos, reportagens, poesias, etc. Cada uma dessas formas possui características lingüísticas e estéticas que definem a sua tipologia.

Assim, constata-se a importância da função da leitura e escrita como auxiliar na transmissão do conhecimento, levando o indivíduo a refletir sobre o mundo que o rodeia e construindo o saber. E nós, como mediadores, devemos levar os alunos a construir uma leitura e escrita a partir de suas próprias hipóteses, relacionando-as aos propósitos escolares. E para atingir tal objetivo, nossos alunos devem desenvolver as capacidades de interpretação e compreensão dos textos lidos, tornando-se leitores críticos e reflexivos.

A onda de evolução tecnológica causada pela Revolução Industrial inglesa, no final do Século XVIII foi suplantada pela onda tecnológica marcada pelo advento da Internet, da Telecomunicação Móvel. Lévy (1999) afirma que o desenvolvimento das tecnologias digitais e a profusão das redes interativas traçam um caminho sem volta para a humanidade, pois nunca seremos como antes. O ciberespaço é o novo espaço de comunicação marcado pela interconexão mundial dos computadores.

Segundo o autor, as mudanças do Século das Luzes, a cibercultura é a herdeira da filosofia e também difunde valores como fraternidade, igualdade e liberdade. “A rede é antes de tudo um instrumento de comunicação entre indivíduos, um lugar virtual no qual as comunidades ajudam seus membros a aprender o que querem saber” (LÉVY, 1999, p. 144).

Segundo Lévy (1999), o acervo teórico da humanidade é composto pelos três tempos do espírito: oralidade primária, escrita e informática.

Novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo elaboradas no mundo das telecomunicações e da informática. As relações entre os homens, o trabalho, a própria inteligência dependem, na verdade, da metamorfose incessante de dispositivos informacionais de todos os tipos. Escrita, leitura, visão, audição, criação, aprendizagem são capturados por uma informática cada vez mais avançada. Não se pode mais conceber a pesquisa científica sem uma aparelhagem complexa que redistribui as antigas divisões entre experiência e teoria. Emerge, neste final do século XX, um conhecimento por simulação que os epistemologistas ainda não inventaram (LÉVY, 1999, p. 16).

Para Mariano (2011), a Lei nº 49/2005 (BRASIL 2005) é o documento orientador das práticas e políticas educativas, que refere, no seu artigo 2º, que todos os cidadãos têm direito à educação e à cultura, cabendo ao estado promover a democratização do ensino.

O sistema educativo tem que atender à realidade social visando um desenvolvimento dos indivíduos, que se querem “livres, responsáveis, autônomos e solidários e valorizando a dimensão humana do trabalho”. Mais refere a anterior legislação que “A educação promove o desenvolvimento do espírito democrático e pluralista, respeitador dos outros e das suas ideias, aberto ao diálogo e à livre troca de opiniões, formando cidadãos capazes de julgarem com espírito crítico e criativo o meio social em que se integram e de se empenharem na sua transformação progressiva” (MARIANO, 2011, p. 5).

O cidadão, mais do que um mero depósito de saberes, deve ser dotado de capacidade crítica sobre sua própria realidade, pois segundo Freire (1993) a alfabetização de adultos é um

capítulo da prática educativa, desta forma crianças e adultos na construção da leitura através das palavras que pertencem à suas experiências existenciais.

Infelizmente, há caso de pessoas que tiveram a oportunidade de se alfabetizarem, mas devido a circunstâncias específicas retornam, involuntariamente, ao analfabetismo, trata-se de uma literacia resultante de escolaridade deficiente (insucesso escolar, exclusão escolar, falso sucesso escolar), a qual causa o esquecimento, a perda de conhecimentos, enfim a regressão cognitiva.

Para Ávila (2005), a literacia implica na capacidade de processar informação escrita nas várias dimensões da vida (profissional, cultural, cívica, pessoal, etc), semelhante ao conceito de Freire (1993) quando afirma que já não é possível texto sem contexto.

Segundo Domingos (2005), na história da humanidade negou às classes a educação condizente com seu padrão econômico. Pensemos, por exemplo, nas sociedades escravistas antigas. Em Atenas, no século V a.C., apenas os cidadãos, homens livres, tinham acesso ao ensino, enquanto aos escravos (povos vencidos nas guerras) eram reservados apenas os trabalhos do campo, das casas e palácios, das embarcações.

Durante a Idade Média, a educação passou por uma ligeira revolução, deixando de ser exclusivamente eclesiástica, ou seja, circunscrita aos membros do clero para abrir-se, parcialmente aos leigos, à volta do século XII, com o movimento da Escolástica. A Igreja Católica inaugurou as escolas das catedrais ou episcopais frequentadas pelos filhos dos aristocratas – senhores feudais, nobres e jovens monarcas – que tinham se alfabetizavam e recebiam formação geral de conotação religiosa.

A sociedade tem passado por significativas mudanças na época contemporânea, provocadas por fatores diversos, que constituem e por outro lado, são constituintes de uma nova sociabilidade. Neste contexto, há aspectos que se conectam os quais possibilitam a mudança de uma sociedade rural uma sociedade urbana, com *modus vivendi* característico, incluindo aspetos sociais, econômicos e culturais específicos, no centro do qual podemos destacar a educação.

Tais mudanças são expressões de complexos fenômenos sociais, com características singulares, mas que encontram-se interligados no panorama social mais amplo por meio de, pelo menos, quatro grandes dispositivos: a reestruturação produtiva e as mudanças no mundo do trabalho; a ascensão do neoliberalismo; a globalização e os processos de transnacionalização do capital e a reconfiguração do papel do Estado. Esses processos

ganharam materialidade de forma mais expressiva na década de 1990, incidindo nas mais diferentes esferas do tecido social, sobretudo nas dinâmicas econômica, política, cultural e social, tendo aqui um alcance significativo o campo da educação escolar. (V SIMPÓSIO, 2009, p. 1)

Essas mudanças estruturais na sociedade, que afetam o sistema educacional, têm despertado a atenção dos especialistas; há constantemente uma expansão da literatura sobre essas questões e o incremento da produção teórica desse campo de estudos, com o intuito de realizar reflexões e análises sobre a estruturação do sistema educacional brasileiro, realçando as contribuições que as reformas educacionais e as reformas do Estado têm provocado.

[...] a reflexão e avaliação das políticas educacionais exigem a compreensão da moldura que define os contornos das relações sociais mais amplas apreendendo a vinculação entre as políticas e gestão da educação e os processos macrosociais referenciados predominantemente na lógica excludente das políticas neoliberais que tem orientado a composição e o formato do Estado no tempo presente (V SIMPÓSIO, 2009, p. 1).

Segundo Portilho e Almeida (2008, p. 480), “a escola é um espaço social instituído nas diferenças, onde deveriam ser ensinados conteúdos que viabilizassem respostas às necessidades práticas da vida e onde, principalmente, se buscasse uma formação humana plena”. Assim, a preparação para a vida propõe situações diversas e abrangentes, para isso deve contemplar variadas dimensões, incluindo a ética, a política, a social para permitir o desenvolvimento material e espiritual do indivíduo e da sociedade.

1573

Segundo Casteleiro (2008), o ensino orientar os alunos menos preparados para processos educacionais menos qualificados, conduzindo-os para aumento de hipóteses de precariedade e desemprego. Os diplomados nos níveis mais elevados sentem-se mais protegidos perante a possibilidade do desemprego.

A escola, para Casteleiro (2008) fomenta a exclusão social direcionando os alunos com dificuldades para trajetórias acadêmicas deficientes, dificultando a superação de tais obstáculos escolares.

Em um estudo realizado por Araujo (2009), a autora trata dos erros ortográficos cometidos por alunos de 5º, 6º e 7º, atribuindo suas causas possíveis à falta de compreensão da variação linguística (gírias, ritmo oral, etc) e da oralidade que se refletem na escrita.

A ortografia compreende sinais gráficos (til, cedilha, hífen, regras de escrita) e qualquer infração cometida às normas ortográficas são considerados erros ortográficos (ARAUJO, 2009).

[...] ‘muintas, servisso, adolescentes’; ‘prejoiso’; ‘grávidez’ e ‘grávidaz’; ‘extrupando’. [...] O número de erros ortográficos em geral é bem grande, o que nos possibilita pensar que grande parte desses alunos tem pouco contato com a leitura e a escrita. Uma possível explicação para isso seria o fato de que ou eles transpõem para a escrita as formas que ouvem em sua comunidade ou confundem letras que possuem sons parecidos como *c* e *s*, e sons parecidos como verbos que terminam com *am* e *com ão*. (ARAUJO, 2009, p. 57)

Na visão vygotskyana, o aluno se autoproduzirá a partir de suas futuras realizações e não será de maneira nenhuma, o produto dos conteúdos que recebe, pois ele modifica-se na medida em que é o próprio agente de suas iniciativas, “compreendendo que é circunstância do aluno educar a si mesmo, mas para isso é necessário que o professor ao executar seu papel saiba como se aproximar das crianças, e não transmita informações de forma robotizada”. (AKIYAMA; SILVA, 2010, p. 59)

Vygotsky ao destacar a importância das interações sociais, traz a ideia da mediação e da internalização como aspectos fundamentais para a aprendizagem, defendendo que a construção do conhecimento ocorre a partir de um intenso processo de interação entre as pessoas. Assim sendo, é a partir de sua inserção na cultura que a criança, através da interação social com as pessoas que a rodeiam, vai se desenvolvendo. (AKIYAMA; SILVA, 2010, p. 60)

Todo esse processo de autodesenvolvimento do educando começa no seio da família, continua na escola e nos outros meios sociais em que ele esteja frequentemente. Quando a criança tem o afeto da família e das outras pessoas que convivem com ela, tem facilitada sua interação no meio em que vive o que lhe propicia um desenvolvimento ideal, afirmam Akiyama e Silva (2010).

Machado (2004) reconhece que entre o que a escola ensina e o que a criança aprende há uma grande distância medida entre as propostas metodológicas e as concepções infantis, porque o que a escola propõe-se a ensinar nem sempre coincide com o que a criança é capaz de aprender.

Nas tentativas de desvendar os mistérios do código alfabético, o docente procede passo a passo, do que ele considera simples ao complexo, fragmentando todo o processo de aquisição da língua escrita. Essa forma que a escola vem “ensinando” a escrever,

desconsidera todo o processo de construção da criança, que na verdade, para adquirir o código alfabético, reinventam a escrita, a sua maneira. Isso porque a escrita é um processo de construção pessoal, e não uma mera cópia de um modelo externo (MACHADO, 2004, p. 5).

Machado (2004) entende que qualquer criança, de qualquer nacionalidade, percorre um mesmo caminho para a construção da escrita, passando pelas mesmas etapas pelas quais o ser humano passou ao descobrir a escrita.

A escrita pictográfica é forma mais antiga de escrita, usada pelo homem para representar só os objetos que podiam ser desenhados. Era utilizado o desenho do próprio objeto para representar a palavra que se queria utilizar. Na escrita ideográfica consistia no uso de um sinal ou marca para representar uma palavra ou conceito. Eram usados símbolos diferentes para representar palavras diferentes. Já a escrita logográfica é constituída de desenhos, referente ao nome dos objetos (som) e não ao objeto em si (MACHADO, 2004, p. 7).

Porém, quando a criança não desenvolve, inicialmente, nenhuma destas linguagens no contexto em que vive, devido à falta de estímulo dos pais e da família, causados por diversos fatores, inclusive devido a desinformação e aos aspectos socioeconômicos, o aluno tem grandes possibilidades em apresentar dificuldades de aprendizagem no Ensino Fundamental I.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É evidente a importância da escrita na vida do indivíduo e de tudo que se ensina e se aprende, com isso na escola de Ensino Fundamental I gira em torno do desenvolvimento do processo de aprimoramento da leitura e da escrita.

A leitura e a escrita são atividades pedagógicas por excelência. O ato de ler e escrever estabelece uma interação entre o leitor e o autor. Para que essa interação se dê, é preciso que haja motivação e sobretudo resulte em uma reflexão crítica. O mundo da leitura é mágico, transporta o leitor para um caminho de descobertas, de novos horizontes e a outras realidades, sendo um meio de tomada de consciência da história da própria criança.

As dificuldades de leitura e escrita apresentadas pelos alunos têm que ser investigadas com bastante critério pelos professores de Ensino Fundamental I, pela equipe multidisciplinar e pela família, desta forma tenta-se detectar se os problemas advêm de falta de atenção, falta de motivação, se o aluno é capaz de assimilar o que lhe é ensinado em sala de aula ou se precisa ser acompanhado à parte para um ensino mais individualizado.

A leitura nos primeiros meses de vida da criança é essencial para que ela seja despertada para a leitura e melhore a escrita devido ao acervo de informações que a literatura pode lhe propiciar. Com isso a educação do Ensino Fundamental I visa a formação integral do futuro cidadão, potenciando o seu desenvolvimento intelectual. Assim, os primeiros anos da escola formam a base para alicerçar um aprendizado de qualidade.

No entanto, notamos uma grande defasagem entre o ideal e a realidade no ensino brasileiro, onde são muitas as dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos estudantes a nível de escrita e leitura.

Diante ao que aqui foi abordado, podemos destacar algumas causas dessas dificuldades: falta de hábito de leitura desde a mais tenra idade, muitas vezes, não incentivada devido às más condições socioeconômicas das famílias que não reúnem condições de propiciar livros ou mesmo devido ao analfabetismo dos pais. Apesar de ser um direito garantido por lei, a educação não atinge 100% da população.

As condições reais da educação brasileira, no que condiz à escolaridade pública, estão muito aquém do que se aspira como ideal. O Estado empurra os problemas para as famílias e procura punir os menores que encontram-se fora da escola, afirmando que os seus mecanismos legais são suficientes para garantir uma educação de qualidade.

O educador brasileiro necessita ser um construtor de sonhos e ao mesmo tempo um incentivador nato que conduz o aluno pelas veredas da sabedoria e da vida. E que não é apenas mostrar esse caminho, mas caminhar com o aluno na incessante busca da mútua compreensão.

Assim, é relevante que a leitura e escrita de textos assumam o seu real espaço nas escolas, despertando o prazer de ler, e que o professor lance mão de todos os recursos que favoreçam ao aluno adquirir o hábito da leitura e escrita. Acredita-se que quanto mais cedo a criança tenha contato com livros, maior será a chance de tornar-se um leitor.

## REFERÊNCIAS

AKIYAMA, E.M.; SILVA, J.A. Afetividade na Educação Infantil. **Caderno Multidisciplinar de Pós-Graduação da UCP**, Pitanga, v.1, n.3, mar 2010 (pp.57-77)

ARAÚJO, K.E.F. **Um estudo da manifestação da oralidade em produções escritas de alunos**. Mestrado em Linguística. São Paulo: USP, 2009.

ÁVILA, P.A. **Literacia dos Adultos: Competências-chave na sociedade do conhecimento**. Tese de doutoramento. ISCTE, Lisboa, Portugal, 2005.

BRASIL, **Lei nº 49 de 30 de agosto de 2005**. Segunda alteração à Lei de Bases do Sistema Educativo e primeira alteração à Lei de Bases do Financiamento do Ensino Superior. Assembleia da República. Brasília. 2005

CASTELEIRO, S. **Baixa Escolaridade e Exclusão Social. Problemas Sociais no Mundo Contemporâneo**. UBI, 2008. Disponível em: <<http://www.youblisher.com/p/140027-e-Learning-em-Portugal/>>. Acesso em: 19 jul 2023.

CERVO, A.L.; BERVIAN, P.A. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

DOMINGOS, M.A. **A escola como espaço de inclusão: sentidos e significados produzidos por alunos e professores no cotidiano de uma escola do sistema regular de ensino a partir da inclusão de alunos portadores de necessidades educacionais especiais**. Mestrado em Educação. Belo Horizonte: PUC/MG, 2005.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões Sobre Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2000. 104p.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein et al. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

FREIRE, P. **Política e Educação**. São Paulo: Cortez Editora, 1993.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, SP: Atlas, 2002.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo, SP: Atlas 2003.

LÉVY, P. **Cibercultura (trad. Carlos Irineu da Costa)**. São Paulo: Editora 34, 1999, 264p.

MACEDO, N. D. **Iniciação à pesquisa bibliográfica: guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa**. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1994.

MACHADO, M. L. A. Educação infantil e sócio-interacionismo. In: OLIVEIRA, Z.M.R. (Org.). **Educação infantil: muitos olhares**. São Paulo, 2004.

NASPOLINI, Ana Tereza. **Didática do português: tijolo por tijolo. Leitura e produção escrita**. São Paulo: FTD, 1996.

PORTILHO, E.M.L.; ALMEIDA, S.C.D. Avaliando a aprendizagem e o ensino com pesquisa no Ensino Médio. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 60, p. 469-488, jul./set. 2008.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo, SP: Cortez, 2007.

V SIMPÓSIO internacional: **O Estado e as Políticas Educacionais no Tempo Presente**. 06 a 08 de Dezembro de 2009. Uberlândia/MG: UFU.2009